

Josiane Franken Corrêa
Débora Souto Allemand
Organizadoras

Dança na escola

Pedagogias possíveis de *sôras* para *profes*



OKOS
EDITORA

Josiane Franken Corrêa
Débora Souto Allemand
Organizadoras

Dança na escola
Pedagogias possíveis
de sôras para profes



São Leopoldo
2021

© Dos autores – 2021

Editoração: Oikos

Capa: Gustavo de Oliveira Nunes

Ilustrações: Gustavo de Oliveira Nunes

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermond

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fernet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

D173 Dança na escola: pedagogias possíveis de *sôras* para *profes.* / Organizadoras: Josiane Franken Corrêa e Débora Souto Allemand. – São Leopoldo: Oikos, 2021.
144 p.; il.; 14 x 21 cm.
ISBN 978-65-86578-62-1
1. Dança na escola. 2. Dança – Educação básica. 3. Prática pedagógica em Dança. 4. Docência em Dança. I. Corrêa, Josiane Franken. II. Allemand, Débora Souto.

CDU 793.3:37

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO TIKTOK: duetos de dança entre professoras e estudantes

Larissa Bonfim
Débora Souto Allemand



#Dança para a #geraçãoTikTok (Leia ao som de Laxed – Siren Beat)

Em 2020, a pandemia de COVID-19 descortinou que as redes sociais, já tão presentes no cotidiano da maioria dos(as) jovens estudantes de dois Colégios de Aplicação (CAp) vinculados à Universidades Federais (UFPE e UFRGS), não podiam mais ser isoladas da realidade escolar. Entre diversos *apps*¹, um dos mais baixados do mundo em 2019 por esse público adolescente de 12 a 17 anos é uma plataforma desenhada para o consumo e a criação de conteúdo criativo intimamente relacionado à dança: o **TikTok**. O aplicativo de celular possibilita a edição rápida de vídeos de no máximo 1 minuto, habitualmente de 15 segundos, com o uso de recursos como **efeitos**, **filtros**, **sons**, **texto**, **velocidade**, entre outros.

Estudantes-TikTokers escolhem as **trends**², copiam e criam, usam **efeitos**³, fazem **duetos**⁴, consomem o aplicativo. Alguns tornam-se **criadores de conteúdo**⁵, vão para o **for you**⁶

¹ *App* é uma abreviação para *application*, do inglês, que significa aplicativo, programa, *software*.

² Do inglês: tendência, moda. No TikTok significa o tipo, formato de vídeo ou áudio que está em alta.

³ São recursos de edição muito utilizados no aplicativo como: efeitos de realidade aumentada que coloca acessórios, muda seu rosto, insere animações no local em que você está filmando, máscaras, filtros, embelezamento, efeitos de tempo (reverter, deixar mais lento ou rápido), transições, entre muitos outros.

⁴ Um dueto é uma modalidade de interação entre os usuários na qual você pode dividir a tela com outros vídeos de qualquer usuário da plataforma que habilite essa função.

⁵ É um selo de verificação do TikTok, que atesta que aquele usuário produz conteúdo original e de qualidade para os seus seguidores.

⁶ *For You* (ou Para você) reúne vídeos que o(a) usuário(a) provavelmente gostaria de assistir, baseado no algoritmo daquilo que já foi visto e curtido anteriormente no aplicativo, ou seja, ir para o *for you* é ter seu vídeo publicado com maior possibilidade de alcance para mais visualizações, curtidas e novos seguidores. *#fy* ou *#fyp* podem ajudar a impulsionar a publicação.

outros receiam ter seus perfis **flopados**⁷ ou sentem vergonha e acabam por postar seus vídeos somente no **privado**.⁸ As *hashtags* mais compartilhadas por esses(as) nossos(as) jovens alunos(as) são: **#dancinhas, #dancinhasdoTikTok, #dancetutorial, #desafiodedança, #dancechallenge**. Assim, como nós, professoras licenciadas em dança recém-ingressantes em nossas escolas, poderíamos simplesmente ignorar esse mundo de dança? Um mundo que não é paralelo ao mundo real, mas que produz as subjetividades de cada estudante, especialmente no que refere a corpo e dança.

Com o intuito de dialogar mais profundamente com a **#geraçãoTikTok**, nós, professoras de dança dos CAPs UFRGS e UFPE, lançamo-nos ao **#desafio** de abrir uma conta no aplicativo **TikTok**. Somos o **@dancap2020**. “Consumimos” o que a plataforma oferece e, assim, estamos conhecendo e aprendendo com as produções de dança que estão na moda entre nossos(as) alunos(as). Analisamos os princípios criativos e estéticos das produções para buscar aproximação. No entanto nosso objetivo principal é ampliar e procurar transgredir os paradigmas de corpo e as referências de dança contidas na plataforma.

Mas vale ressaltar que este texto não é um tutorial, como os que são muito comuns para ensinar e aprender **dancinhas do TikTok**. Não temos as respostas e tampouco caminhos, passo a passo, para você, professor e professora de dança de jovens **estudantes-TikTokers**. Nós fizemos e “funcionou”. Ou nós simplesmente fizemos, arriscamos colocar o corpo em movimento na frente da câmera, gravar os vídeos e editar as veloci-

⁷ Perfis com poucas visualizações e curtidas.

⁸ Depois de produzidos, os vídeos podem ser salvos como rascunhos, podem ficar privados somente para a visualização do próprio usuário, podem ser publicados para seguidores ou podem ser postados como públicos.

dades. Compartilhamos aqui, então, nossa produção, inquietações e reflexões. Vamos deixá-la pública; **permitimos comentários e duetos.**

Baixar o *app* e criar uma conta

Começamos a dar aula em nossas escolas em outubro de 2019 e em tão poucos meses (seis, aproximadamente) de contato com os(as) estudantes dos Colégios de Aplicação, tanto em Porto Alegre como em Recife, foi possível perceber várias vezes a mesma cena: jovens dançando pelos corredores e pátios das escolas. As professoras aproximavam-se para interagir e perguntavam: “que legal! que dança é essa? onde vocês aprendem?”, e a resposta: “no **TikTok**, *fessôra*”. Ao mesmo tempo, nesses mesmos corredores e pátios, e também na sala de aula, os(as) alunos(as) perguntavam-se e perguntavam às professoras, animados(as) ou receosos(as), o que será que iriam fazer nas aulas de dança e quais tipos de dança iriam aprender.

Entre as concepções de dança de nossos(as) jovens estudantes estão o *funk*, o brega, o passinho, o *Hip Hop*, a *FitDance*⁹, o *K-pop*¹⁰ e, desde o ano de 2019, a mais nova “modalidade”: as

⁹ O *FitDance* é “a mais conhecida plataforma brasileira de dança da internet, que atua também em academias” (G1, 2020). Há uma indefinição sobre qual é de fato o objetivo da empresa, pois, segundo seu site oficial, o *FitDance* tem como objetivo promover a felicidade por meio de movimentos coreográficos, mas, segundo o Conselho Federal de Educação Física, o grupo utiliza o conceito de diversão através da dança para esconder a prática de exercício físico voltada à saúde. Discussões sobre o caso podem ser acessadas em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/fitdance-cresce-em-academias-vira-arma-de-marketing-musical-e-incomoda-setor-de-educacao-fisica.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

¹⁰ *K-pop* é uma abreviação de *korean pop*, que significa música pop coreana ou música popular coreana. Com origem na Coreia do Sul, as principais canções dos artistas geralmente são acompanhadas por coreografias de dança com movimentações figurativas à letra da canção.

referências de danças e o modo de produzir dança que circulam no **TikTok**. E a situação torna-se ainda mais complexa, pois até pouco tempo atrás nossa explicação para aquelas perguntas dos(as) alunos(as) sobre “qual dança faríamos” provavelmente seria diferente. Ressaltaríamos que a dança na escola não se trata apenas da cópia de passos de algum tipo de dança específico, mas de processos de criação em dança. Hoje, porém, os(as) adolescentes podem responder que entendem bem essa proposição da criação, já que também criam/produzem/inventam novas dancinhas para postar no **TikTok**. É importante ressaltar que aqui a palavra **dancinha**, no diminutivo, não tem o sentido de diminuição ou desvalorização. Adotamos essa expressão porque é uma maneira de se referir às coreografias de dança do **TikTok** utilizadas pelos próprios **usuários**.

Percebemos, de início, que as dancinhas do **TikTok**, em geral, dão ênfase ao rosto e ao tronco. Assim, para começar o projeto, quando criamos a conta, decidimos que a foto/vídeo de nosso perfil ressaltariam os pés, em oposição às referências presentes no **TikTok**. Uma geração *tronco-pra-cima* contrapondo-se a uma geração *pés descalços*, que aprendeu muito com Isadora Duncan¹¹ e com aquelas(es) que construíram a dança pós-moderna e contemporânea, implementando uma ampla variedade de processos criativos em dança.

Essa diferença entre gerações/nichos de dança causa uma certa instabilidade, quando nós, com referências de dança produzidas na universidade, principalmente relacionadas à dança cênica ocidental e à dança contemporânea, encontramos

¹¹ Isadora Duncan (1877-1927), dançarina e coreógrafa norte-americana do período da Dança Moderna. É muito conhecida por um de seus feitos: a inovação em dançar de pés descalços e não mais com sapatilhas de ponta, como faziam as bailarinas clássicas até então.

com o universo das danças midiáticas e periféricas dos(as) estudantes. E, a nosso ver, é preciso fazer conexões para que a realidade dos(as) alunos(as) seja tratada como um contexto, para que a educação em dança e a partir da dança se torne potente e efetiva. Assim, sem negar nossa bagagem estética, concepções de criação e ensino de dança, buscamos realizar verdadeiros **duetos** com nossos(as) alunos(as).

Duetos-dialogicidade professoras/estudantes

Larissa: **Dueto** é uma ferramenta do aplicativo que consiste na possibilidade de interagir por meio de vídeo com a dança de qualquer outra pessoa da plataforma. Na prática, o vídeo com o qual queremos fazer um **dueto** aparecem na nossa tela de filmagem com a coreografia sendo reproduzida ao mesmo tempo em que gravamos a nós mesmas dançando. Essas interações, habitualmente cópias de coreografias, podem também ser de outra natureza, como pergunta-resposta, oposições, entre tantas possibilidades que venham a ser criadas.

Débora: Fazemos **duetos** com perfis de pessoas desconhecidas, com nossos(as) alunos(as) e entre nós mesmas. Aprendemos na relação entre um vídeo-perfil-pessoa e outro(a). Seja copiando a coreografia que nossas alunas fazem, tentando entender suas intenções e qualidades de movimento. Seja convocando outras partes do corpo para fazer duetos (por exemplo usando os pés para **#fingerdances**¹²) ou experimentando a ferramenta de **velocidade**, que nos permite aprender e filmar as **dancinhas** de forma mais lenta.

¹² *Finger dances* são danças com foco nos dedos e mãos, que têm grande destaque no TikTok.

Nossa proposta com a abertura da conta, pesquisa do conteúdo contido na plataforma e postagem dos vídeos partiu da necessidade de realização de **duetos** com nossos(as) estudantes. Acreditamos que é necessário que as professoras busquem conhecer os(as) estudantes para que, mais do que uma ferramenta ou estratégia de ensino, essa interação promova uma relação horizontal entre professoras e estudantes. Apoiadas em Freire (1986, 1996, 2013) (**Adicionar aos favoritos**), pensamos que sem relação horizontal não há comunicação verdadeira e, conseqüentemente, não há aprendizado significativo possível. A dialogicidade revela, para o autor, a opção democrática da educadora.

Os indivíduos, tanto estudantes como professoras, trazem em seus corpos uma carga histórica de influências de sua geração e de paradigmas que orientam as suas relações. O diálogo pretendido por Freire é um ato de respeito às leituras de mundo dos educandos, no qual a professora reconhece a historicidade do saber em suas potências e limitações. Então, como é possível ser professora de dança de uma **#geraçãoTikTok** sem conhecer o que é produzido nesse aplicativo? Ainda mais quando consideramos que “investigar a mídia é investigar as maneiras de sermos e estarmos no mundo hoje” (SANTOS, 2009, p. 35) (**Adicionar aos favoritos**¹³).

Entendemos que não podemos somente negar ou simplesmente apontar a plataforma como limitadora das danças e perspectivas corporais. Sabemos que as **dancinhas** são repetitivas, frontais, figurativas às músicas da moda, completamente bloqueadas do tronco para cima, entre outras características,

¹³ Ao longo do texto, fazemos um jogo com alguns comandos do Aplicativo TikTok, como Adicionar aos Favoritos, Curtir e Efeitos.

mas não nos propomos apenas a **seguir** esses princípios (**Cur-tir**). Pelo contrário, como educadoras, estamos nos propondo a compreender quem são nossos(as) alunos(as) do ensino fundamental e ensino médio para, a partir dessas danças, poder ir além, provocando microtransgressões no *modus operandi* das danças do aplicativo.

Conceber a educação em dança como **duetos** significa, para nós, investigar o quanto a interação professora/estudante tem condições de perpassar o lugar de transmissão (cópia), que é importante para o aprendizado da dança em determinados momentos. Mas é necessário também levar em consideração as demais possibilidades de diálogo na linguagem artística, que são diversas e precisam ser criadas e recriadas nos processos de ensino-aprendizagem.

Marques (2012) (**Adicionar aos Favoritos**) coloca que, para que o aprendizado da dança aconteça como linguagem artística, é preciso “mover-se no intuito de articular signos e possibilitar significações” (p. 27). Trazer à tona os signos que podem existir já nas próprias dancinhas e criar novas significações a partir da cópia talvez seja nossa função como professoras de dança na Educação Básica. Cabe a nós também ajudar na conscientização do tipo de movimentação que os(as) alunos(as) estão fazendo e da forma como aprendem as coreografias, problematizando, articulando signos, criticando e transformando seus componentes e até mesmo seus contextos (MARQUES, 2010). Assim como no **TikTok**, onde gravamos vídeos e criamos também no processo de edição, a ideia é dar ferramentas para que os alunos possam fazer suas próprias edições coreográficas.

Nosso objetivo com a dança na escola é educar corpos participantes e expressivos, e a cópia mecânica só desenvolve

corpos dóceis, silenciados e passivos. Queremos leitores(as) e cocriadores(as) de mundo e não só sujeitos que decoram textos sem compreender de fato seus significados, traçando um paralelo com os textos da linguagem verbal (MARQUES, 2010). Ou, traçando um dueto com o próprio aplicativo, queremos danças feitas por corpos que filmam, editam e, na publicação/postagem, transformam o mundo do **TikTok** e seus próprios mundos (**Curtir**).

Criação e limitação: relações autoria/cópia

Ao que tudo indica, as ideias de cópia e criação ganham novos contornos com a experiência do **TikTok**, assim como a ideia de autoria. O aplicativo, como uma plataforma de compartilhamento de vídeos criativos, opera em uma lógica de cópia e recriação constante. Um(a) **TikToker**, em geral, deseja que sua nova criação viralize e que, então, seja copiada pela maior quantidade de **usuários(as)**, ou seja, a cada transmissão, mais distante fica o sentido de autoria, pois cada autor(a) de réplica aparenta ser o(a) **criador(a) do conteúdo**, ainda que não possua o selo verificador.¹⁴ Cada vídeo copiado tem habitualmente como proposta a recriação da referência. A criatividade manifesta-se exatamente nesse refazer, nas modificações e inserções de novas ideias dentro daquilo já postado. Essa invenção ocorre tanto pela dificuldade de apreensão completa do movimento através de um dispositivo de mídia como pela necessidade de “fazer do seu jeito”.

¹⁴ Assim como no *Facebook* e no *Twitter*, no *TikTok* é possível ter uma conta verificada. Se em outras redes sociais esse selo é somente para celebridades e figuras públicas, para proteção contra contas *fake*, uma conta verificada no *TikTok* abrange mais pessoas devido ao grande potencial de viralização do conteúdo. Por isso o selo verificador pode ser conquistado tanto por famosos como por anônimos automaticamente (CANAL TECH, 2020).

Além disso, mesmo quando pensamos que estamos criando algo completamente novo, estamos carregando (e transformando) símbolos, conceitos, éticas e estéticas que são do coletivo (MUNIZ, 2016) (**Adicionar aos Favoritos**). Dessa forma, o limite da cópia pode ser encarado, na verdade, como um mobilizador criativo. As *hashtags* do momento são esses limites, chamadas pelos(as) **TikTokers** de inspirações. Se um(a) usuário(a) não tem uma ideia já formulada para a criação de um vídeo, ele(a) pode acessar essas propostas das *hashtags* no **descobrir** e encontrar estímulos para sua criação. Ao assistir aos vídeos de uma mesma *hashtag*, é possível observar como, ao mesmo tempo em que são cópias, nenhuma delas é igual, pois partilha proposições próprias e revela inevitavelmente uma parte da subjetividade do(a) **usuário(a)**, ainda que com a insistente tentativa de **seguir** a mesma roupagem estética.

Exemplos dessa criação-transformação lúdica são os **#dancetutorials** e os **efeitos** do aplicativo. Existem muitos tutoriais de dança que podem ser vistos em vários perfis de **usuários(as)**. Em geral, os tutoriais utilizam palavras e figuras na lateral ou na parte de cima do vídeo para auxiliar na compreensão dos passos de coreografias que tenham “viralizado”. Curiosamente, muitos vestem blusas com mangas compridas ao contrário, fazendo com o que o capuz cubra o rosto e a identidade do(a) proponente do tutorial não seja revelada.

A partir dos tutoriais de dança, resolvemos experimentar essas dancinhas com *emojis*¹⁵. Mas, em nosso caso, as figuras eram delimitações para abrir espaço para a criação de mo-

¹⁵ A palavra *emoji* vem da união de palavras em japonês que significam imagem e letra. Ou seja, são símbolos que representam uma ideia; eles têm a aparência de expressões, objetos, animais, entre outros, e são utilizados em diversas redes sociais.

vimentos novos e não precisavam, necessariamente, ser reproduzidas da mesma forma por todas as pessoas. A proposição inicial, feita pela professora Larissa, utilizava a legenda das figurinhas no próprio vídeo. Essa ideia foi recriada pela professora Débora a partir das mesmas figurinhas, mas com movimentações diferentes, criando uma nova coreografia.

Outra ideia que experimentamos a partir dos tutoriais de dança foi fazer novas criações, subvertendo os símbolos já consolidados do **TikTok**, mesmo em **duetos**. Ou seja, se a figurinha que aparecia era algo com as mãos fechadas ou a palavra “cotovelos”, criávamos algum movimento com essa parte do corpo, mas com outra intenção, força, para outra direção ou utilizando o espaço de outra forma, por exemplo.

Também elaboramos propostas de como se movimentar fugindo dos **filtros**, dando ênfase a uma movimentação tridimensional, rápida e não tão verticalizada. Percebemos também que alguns **efeitos** só funcionam quando a movimentação é realizada com partes bem específicas do corpo, como mãos e rosto, o que proporciona a criação de danças que provavelmente não faríamos se não fosse essa limitação. Outros **efeitos** conseguem fazer a leitura das partes do corpo articulação por articulação, o que também possibilita enxergarmos nossa movimentação mais frontalizada e vertical, quando o aplicativo consegue realizar a leitura, e mais tridimensional e em diferentes níveis de altura, quando o aplicativo não faz a leitura corretamente.

Essa análise da forma de funcionamento das ferramentas do aplicativo serve a nós para a compreensão de como são as danças dos(as) nossos(as) alunos(as) e de como são as nossas próprias danças. Muitas vezes, frustramo-nos com a ideia de experimentar um **efeito** novo e perceber que não deu cer-

to porque nossa movimentação não foi captada pelo vídeo. Assim, notamos que a produção de danças com o objetivo único de serem gravadas em vídeo elimina as tantas outras possibilidades de movimentação corporal, porém a experiência com o aplicativo também nos pode dar um panorama sobre algumas das dificuldades de criação e movimentação corporal de nossas alunas. Além disso, problematizações sobre esse corpo-*selfie*¹⁶ em movimento, amparado nos parâmetros de uma sociedade de consumo de imagem, devem ser realizadas, porém estamos chegando aos 50 segundos deste texto, e você poderá acessar esse conteúdo em outro momento em nosso perfil.

Câmera-espelho com efeitos e filtros para um corpo-*selfie* em movimento

A nossa educação em dança foi aquela que, no início extremamente vinculada ao espelho (**Efeito: Memória**), depois se distancia e até nega essa prática. Hoje, esse corpo, como imagem refletida, transportou-se para a câmera do celular, uma espécie de espelho que grava e exhibe essa imagem para o público. É uma realidade conhecida e naturalizada por alguns(algumas) dos(as) estudantes. Por outros(as) e por nós, nem tanto.

Gravamos e regravamos muitas vezes, pois é grande nosso receio em postar algo que ficará registrado na “rede mundial de computadores” e que não temos noção do alcance que terá. Não é tão fácil **produzir conteúdo** para o **TikTok**. Em geral, aprendemos as coreografias ao mesmo tempo em

¹⁶ As *selfies* são um fenômeno que consiste em cada pessoa tirar fotos de si mesmo. Tornou-se popular com o advento dos *smartphones* com câmeras frontais.

que nos filmamos. A relação entre a aprendizagem e a finalização do produto da coreografia transforma-se. Se antes, na frente do espelho, ensaiávamos em grupo para a apropriação/incorporação dos movimentos da coreografia da apresentação de final de ano, agora o produto está pronto quando o vídeo ficou bom.

Mas quando está bom para ser postado? Paramos de ensaiar quando clicamos em **tornar público** e não, não voltamos mais para ela, porque é preciso postar vídeos novos, diferentes. Teve **curtidas**? Foi **comentado**? Então o objetivo foi cumprido. E a coreografia aprendida com tanto esforço em um dia fica guardada em algum lugar de nosso corpo, mas não voltamos a ensaiá-la, experimentá-la, transformá-la. Se, para algumas tradições de dança, a importância está na abordagem que se dá a partir da percepção cinestésica do corpo e da criação de movimento a partir de impulsos internos (MUNIZ, 2016), para as **dancinhas do TikTok**, a ênfase é dada a referências exteriores ao corpo. E parte do nosso trabalho como **professoras-TikTokers** está em dar possibilidades para que o(a) aluno(a) perceba cinestesicamente essas coreografias.

Há tempos, as *selfies* geram grande impacto na cultura das redes sociais. E o **TikTok** parece oportunizar uma evolução dessas *selfies*, ou seja, são feitas *selfies* em movimento, já que o aplicativo opera substancialmente com vídeos. Nesse formato, cada usuário faz vídeos de si mesmo, com ênfase no rosto e na parte superior do corpo. Esse corpo, sem pernas e pés, é motivado, entre outros fatores, pelo uso dos efeitos que citamos anteriormente. Um corpo frontal por dançar com fixação pela sua imagem na câmera-espelho (**Efeito: Lentes de Aumento**).

Neste mundo de aparências, de autoestimas atacadas ou sinais de narcisismo, nem tudo são flores (**Efeito: Bugado**) –

ou nem tudo deveria gerar tantas **curtidas**. Em reportagem no dia 16 de março de 2020, o **TikTok** foi acusado pelo *The Intercept Brasil* (2020) de censurar, através de documentos direcionados a moderadores, conteúdos ideologicamente indesejáveis e **usuários(as)** pobres ou pouco atraentes. Isso quer dizer que características corporais e ambientes considerados feios nunca deveriam aparecer na seção **For You**.

Uma “forma corporal anormal”, “aparência facial feia”, “barriga de cerveja óbvia”, “muitas rugas”, “problemas nos olhos” (**Filtros: Beleza**) e muitas outras características de “baixa qualidade” são aspectos mencionados no documento revelado pelo *The Intercept Brasil*. Assim como “ambiente de gravação surrado ou em ruínas”, “favelas”, “paredes descascadas” ou decoração de mau gosto também aparecem na reportagem (**Efeito: Tela Verde**).

Essas aparências podem, então, significar a distribuição mundial do vídeo ou a sua permanência relativamente invisível. Assim como outras redes sociais (*Facebook, Instagram*, etc.), o *feed* de um(a) **usuário(a)** é uma criação de sua subjetividade, trata-se de identidades editadas com os parâmetros de corpo e de dança aceitos no momento. Conteúdos postados primeiramente no privado são depois escolhidos para ir a público (é assim que fazemos), sempre com o objetivo de não **flop**.

Ainda temos que considerar as questões sobre a publicação da imagem de jovens na internet. Ultimamente, também circularam notícias (IG TECNOLOGIA, 2020) sobre o uso indevido da imagem de **usuários(as) TikTokers** menores de idade, apesar de a empresa dona do aplicativo negar essas acusações e enfatizar que a política de privacidade do **TikTok** está disponível na plataforma para qualquer **usuário(a)** e que, se a pessoa discorda de alguma daquelas regras, não deve utilizar o

app. Por fim, reflexões sobre a exclusão digital e o agravamento das desigualdades sociais durante a pandemia de coronavírus devem ser tratadas especialmente por nós, professoras de escolas públicas. Mas aqui neste texto nos limitamos a dar foco para questões da ordem do ensino-aprendizagem em dança (**Siga @dancap2020**).

Você está sem espaço de armazenamento para fazer novos vídeos (ou Conclusão)

Quando nos propusemos o **#desafio** de nos tornar **professoras-TikTokers**, entre as reflexões mais pertinentes estava a percepção de que o aplicativo, além de produzir **dancinhas**, produz novos discursos sobre dança e formas de aprender dança que educam os(as) mesmos(as) estudantes que estão em nossas salas de aula. Devido à interação constante desses(as) jovens com as tecnologias digitais, hoje são esses aplicativos que ditam o que e como dançar para a grande maioria dos(as) nossos(as) estudantes. Diante disso, nossa pergunta foi – e ainda é – o que podemos fazer e como podemos problematizar o **TikTok** e as danças ali contidas.

Essa pergunta não tem uma resposta. Continuamos investigando diariamente, rolando (por horas, às vezes) a tela dos nossos celulares e estudando os vídeos que surgem no **Seguindo** ou no **For You**. Na seção **Eu**, conferimos nossas curtidas e nossos(as) **seguidores(as)**; na **caixa de entrada**, procuramos por **comentários** dos(as) estudantes e, com coragem, clicamos no **(+)** e criamos novos vídeos. Desde o início, nossa busca sempre esteve orientada pela tentativa de transgressão de paradigmas de corpo e de dança contidos na plataforma, mas constantemente refletimos até que ponto isso está sendo

feito ou até mesmo se parece realmente possível. Não podemos deixar de dizer que, como **professoras-TikTokers**, divertimo-nos muito. Surpreendemos os(as) estudantes cada vez que anunciamos nosso perfil, e eles(as) prontamente se tornam nossos(as) **seguidores(as)**. E nós, seguidoras de cada um deles(as). O **TikTok** revela a necessidade de inclusão e aceitação que todos(as) nós temos.

O aplicativo também, de alguma forma, talvez estimule a criação em dança, como se ele autorizasse que, além de copiar, é possível – e talvez até mais interessante – produzir conteúdo, criar. Percebemos que os(as) estudantes, desejosos por mais **curtidas** e mais **seguidores(as)**, apresentam-se mais abertos a inventar novas danças, até porque as cópias com pouca ou nenhuma recriação tendem a **flop**. Criar em dança diante da câmera-espelho, dentro do paradigma do corpo-*selfie* bidimensional, para atender a necessidade de aprovação exterior, parece-nos uma concepção de dança já bastante conhecida, ainda que agora esteja revestida com uma roupagem da tecnologia digital.

Dentro da perspectiva de ensino da dança na escola de modo contextualizado (MARQUES, 2001), com a qual nos afinamos, percebemos que era preciso dedicar-nos às telas dos celulares e à problematização de um aplicativo como o **TikTok**. E essa pesquisa em andamento aponta para uma reflexão das relações entre mundo e tecnologia digital que não sejam de controle, manipulação ou submissão, mas que, de algum modo, possamos todos(as) ser agentes e autores(as) para uma transformação que pode estar, literalmente, na palma de nossas mãos.

Referências

CANAL TECH. **Como conseguir o selo de conta verificada no TikTok**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/como-ter-conta-verificada-tiktok/>>. Acesso em: 04 out. 2020.

FITDANCE. **Sobre**. Disponível em: <<https://fitdance.com/sobre>>. Acesso em: 12 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

G1. **Por trás da dança, FitDance impôs rotina de pressões e ameaças, dizem ex-membros**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/08/07/por-tras-da-danca-fitdance-impos-rotina-de-pressoes-e-ameacas-dizem-ex-membros.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

G1. **FitDance cresce em academias, vira arma de marketing musical e incomoda setor de educação física**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/fitdance-cresce-em-academias-vira-arma-de-marketing-musical-e-incomoda-setor-de-educacao-fisica.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2020.

IG TECNOLOGIA. **TikTok é notificado pelo Procon-SP sobre violação de privacidade de crianças**. Disponível em: <<https://tecnologia.ig.com.br/2020-05-14/tiktok-e-notificado-pelo-procon-sp-sobre-violacao-de-privacidade-de-criancas.html>>. Acesso em: 04 out. 2020.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

BONFIM, L.; ALLEMAND, D. S. • Experiências artístico-pedagógicas no TikTok: duetos de dança entre professoras e estudantes

MARQUES, Isabel. **Ensino da Dança Hoje: Textos e Contextos**. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNIZ, Zilé. Mapa de possibilidades na perspectiva do coreógrafo. In: XAVIER, Jussara; MEYER, Sandra; TORRES, Vera (Org.). **Tubo de ensaio: composição [Interseções + Intervenções]**. Florianópolis: Instituto Meyer Filho, 2016.

SANTOS, Airton Ricardo Tomazzoni dos. **Lições de dança no baile da pós-modernidade: corpos (des)governados na mídia**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

THE INTERCEPT BRASIL. **Censura Invisível**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/03/16/tiktok-censurou-rostos-feios-e-favelas-para-atrair-novos-usuarios/>>. Acesso em: 04 out. 2020.